

Editorial

O desejo dos editores da E&C em organizar uma edição temática que contemplasse os debates contemporâneos relativos às questões de gênero, diferença e lugar, representa, de fato, um reencontro da revista com a própria história do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura e sua contribuição no desenvolvimento das abordagens culturais na geografia humana, no que tange aos estudos de gênero.

E esse reencontro nos leva de volta ao ano de 2004, quando o NEPEC organiza o IV Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, no qual, pela primeira vez, dois trabalhos, em larga medida pioneiros nas pesquisas brasileiras, trazem a temática do gênero e da diferença em sua relação direta com o processo de produção e significação do espaço. Tais trabalhos encontram-se publicados, no âmbito da coleção Geografia Cultural chancelada pelo NEPEC, no livro *Geografia: temas sobre cultura e espaço* (Rosendahl e Corrêa, 2005), e é com grande satisfação que a E&C reúne novamente seus autores, os pesquisadores Benhur Pinós da Costa (UFSM) e Joseli Maria Silva (UEPG), dessa vez com artigos compondo a presente edição.

Se a história do NEPEC com esse temário na geografia começa em 2004, muitos outros episódios se desenrolaram nesses mais de 10 anos. A cada simpósio, realizado bianualmente, o número de pesquisadores dos temas em tela só aumentava, reflexo do crescente acolhimento das categorias gênero e diferença na geografia brasileira. E a E&C tem acompanhado a vitalidade desse universo bastante plural se constituindo como veículo de difusão e consolidação de pesquisas brasileiras (Silva, 2010; Costa, 2010; Name, 2013; Tambke, 2013; Castro, 2014; entre outros).

Portanto, nossa edição de nº 38 dá boas vindas às pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, de dentro e fora da geografia – porque sem trocas, não há conhecimento – que se propõem a desafiar categorias engessadas em modos de ver o mundo apoiados em políticas e estratégias de exclusão de tudo que lhes seja diferente. A perspectiva de

gênero, incorporada às ciências sociais e humanidades tem dado condições de visibilidade a diversos grupos sociais outrora invisibilizados e/ou subalternizados.

Por isso, nossa preocupação foi a de contemplar vozes contemporâneas que trazem, à luz das ciências humanas, perspectivas de enfrentamento a questões ligadas à (in)visibilidade de gênero. Os artigos aqui reunidos ilustram a importância de continuada reflexão em temas como a generificação como processo social e espacial; a imbricação do debate do gênero com os movimentos sociais e políticos; a questão da performance no espaço ligada à sexualidade, etnia e gênero; bem como o debate atinente às transidentidades ou identidades não-conformes com o dispositivo binário de gênero homem/mulher.

Os artigos se distribuem em dois eixos principais, ainda que não únicos e complementares. O primeiro abarca as epistemologias possíveis no cenário dos estudos de gênero e diferença não apenas, mas principalmente, na ciência geográfica brasileira. O segundo eixo tem sua ênfase voltada à apropriação e resignificação constante de categorias como espaço, território e territorialidade para se pensar e aprofundar as questões de gênero ligadas às mulheres e aos movimentos LGBTT.

O artigo de Máira Lopes Reis, “Estudos de Gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço”, abre essa edição da E&C porque nos propicia o entendimento de problematizações iniciais colocadas pela incorporação e desenvolvimento do gênero na geografia. Ao substanciar sua análise teórica, a autora ratifica a indissociabilidade das categorias espaço e gênero como estruturantes na organização, produção e consumo do espaço.

Este balanço teórico conceitual é seguido do artigo “Espaço, ONGs LGBT e Cidadania no Sul do Brasil”, assinado pelos pesquisadores Joseli Silva, Marcio Ornat e Alides Baptista Junior – que há tempos se dedicam com afinco e seriedade à temática LGBT – explora um estudo de caso, cujo foco é a associação empírica entre espaço e cidadania, realizado a partir do resultado de dez entrevistas semi-estruturadas com atores atuantes em ONGs dedicadas à construção de uma cidadania LGBT brasileira. A ação política característica dos movimentos LGBT nos faz pensar o espaço como uma arena na qual identidades *performam* no intuito de demarcar mais do que fronteiras físicas mas controlar trânsitos, influência e poderes.

A política espacial se torna tema no terceiro artigo, intitulado “Ação Política e Pensamento das Mulheres Negras nas Américas: uma perspectiva sobre a diáspora

africana”, no qual a pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Sonia dos Santos nos contempla com seu vasto conhecimento sobre a formação intelectual do movimento feminista negro americano, tratando o papel das identidades em diáspora frente às distintas dinâmicas sociais que têm marcado a opressão das mulheres negras.

O engajamento em movimentos sociais e o compromisso com pesquisas socialmente referenciadas são marcas das autoras que assinam os dois artigos que se seguem. Em “Mulheres Sem-Teto e a Construção do Lar: pensando a geografia da família”, texto que é um dos belos frutos de sua tese de doutoramento, a pesquisadora Marianna Fernandes Moreira desequilibra noções naturalizadas de lar e família, mobilizando referenciais fundamentais tanto da Antropologia quanto de recentes trabalhos alinhados às geografias do lar e da família, tendo como estudo de caso intensas e tocantes trajetórias de vida de mulheres sem-teto.

Já a autora Jéssica Mara Raul compartilha no artigo “Mulheres Negras, Remoção e Alinhamentos Discursivos: a vida no bairro carioca de Triagem”, sua experiência como mulher, negra, militante e pesquisadora que conduziu sua investigação explorando as estratégias de enfrentamento e resistência empregadas por mulheres negras, chefes de família, removidas do Morro do Turano – num processo de desocupação que sob o discurso de segurança ambiental inflige à população pobre os efeitos nefastos da mercantilização da cidade –, obrigadas à reestruturação de seus cotidianos e submetidas à interseccionalidade das opressões de raça, gênero e classe.

Este aprofundamento teórico, contemplado nos artigos iniciais, perpassa os estudos de gênero desde as análises conceituais e descrição das categorias espaço e gênero como estruturantes até as dimensões políticas e econômicas imbricadas nos estudos de gênero. O artigo seguinte, intitulado “Interfaces entre Espaço, Gênero e Maracatu-Nação” da pesquisadora Larissa Lima de Souza, constrói um cenário de análise diferente, em que a dimensão simbólica da apropriação dos lugares, uma das marcas das abordagens culturais na geografia humana pós-80, aparece reunida à dimensão do gênero através da interpretação que a autora faz de cinco personagens femininas centrais do Maracatu-Nação, as *baianas ricas*, as *catirinas*, as *rainhas*, as *calungas* e as *damas do paço*. A teoria ganha expressão através dos geossímbolos, semiografias e lugares de memória.

Amplia-se cada vez mais o escopo geográfico de análise. A E&C contempla também as pesquisas voltadas ao questionamento da heteronormatividade e às práticas espaciais da e na diferença. O casamento homossexual, ainda na esfera do debate sobre corpo e normatividade, passa a ser visto como um ritual sob o olhar da geografia em “Casamento Homossexual: legalização e ritual”. Seus autores, os pesquisadores Carlos Eduardo Santos Maia e Raquel Tuma, a partir de uma revisão da tradição matrimonial heterossexual e sua jurisprudência ocidental contemporânea, refletem sobre os alinhamentos ritualísticos entre a união civil hetero e homossexual.

A religião ganha relevância a partir do artigo de Maia e Tuma, e encontra maior espaço no artigo dos pesquisadores Taiane Flôres do Nascimento e Benhur Pinós da Costa, intitulado “As Vivências Travestis e Transexuais no Espaço dos Terreiros de Cultos Afro-Brasileiros e de Matriz Africana” que pensa a travestilidade e transexualidade na prática religiosa dos cultos afro brasileiros e de matriz africana. As vivências neste espaço de devoção dimensionam os conflitos de gênero, poder e identidade inerentes à dinâmica religiosa.

As discussões sobre espaço sagrado e seus agentes abrem cada vez mais as possibilidades da pesquisa de campo como as que podemos ver no artigo dos pesquisadores Nilton Abranches Junior e Arthur Marques de Almeida Neto que em “Religião, Gênero e Território: discursos midiáticos da Parada Gay de São Paulo” refletem sobre o notório episódio no qual uma atriz transexual realizou performance em que denunciava o homofobicídio e que gerou grande impacto, durante a Parada Gay de 2015. Reunindo recentes e instigantes referenciais da geografia e dos estudos de comunicação e mídia, os dois autores percorrem os variados discursos midiáticos que constroem visões e narrativas diferenciadas sobre a visibilidade LGBTTT no Brasil.

O último artigo dessa edição representa algo como um ensaio do tempo presente, um manifesto político escrito com o vigor característico dos acadêmicos que se opõe ao machismo institucionalizado. Com o provocativo título “A Histórica e as Belas, Recatadas e do Lar: misoginia a Dilma Rousseff na concepção das mulheres como costela e dos homens como cabeça da política brasileira”, os pesquisadores Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho Maranhão, Janaína de Fátima Zdebsky e Joana Maria Pedro, se debruçam sobre o momento político brasileiro recente do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e lançam uma

reflexão crítica detalhada e vigorosa direcionada a aspectos centrais da misoginia no Judiciário brasileiro.

Na seção Traduções fomos agraciados com a autorização para traduzir o artigo “A geografia da biografia, a biografia da geografia: reescrevendo o Dicionário de Biografia Nacional” da geógrafa britânica Elizabeth Baigent. O artigo, publicado originalmente em 2004 no *Journal of Historical Geography* traz uma necessária reflexão acerca da subrepresentação das mulheres, geógrafas ou não, nas grandes narrativas nacionais. O artigo enseja um urgente debate em nossa comunidade sobre a necessidade de uma historiografia crítica feminista.

Fechando esse número, apresentamos uma resenha “Pensar Brasil con y entre Imágenes” feita pela geógrafa e pesquisadora do CONICET da Universidade de Buenos Aires, Verónica Hollman – que em outras ocasiões já compartilhou nas páginas da E&C suas pesquisas – do livro “Photography and Documentary Film in The Making of Modern Brazil” da também geógrafa e pesquisadora Luciana Martins, geógrafa atuante no Department of Cultures and Languages da Birbeck University of London.

Por fim, mas não por menos, é nosso desejo dar destaque à eloquente imagem que ilustra a capa dessa edição. A pesquisadora e fotógrafa Barbara Copque (FEBF/UERJ), cuja história de vida está entrelaçada à própria história do NEPEC – foi Barbara quem concebeu a logo da E&C, que voltamos a utilizar desde a edição de nº 33 – muito gentilmente nos cedeu a fotografia tirada em 11 de fevereiro de 2017, durante a temporada do espetáculo “Ocupação Rio Diversidade”, cujo propósito, tal qual essa edição, era o de mostrar com sensibilidade e seriedade que nossa compreensão e visão mundo está, felizmente, para além dos binarismos.

Sendo assim, é com grande satisfação, que compartilhamos esta edição com nossos leitores e colaboradores que contribuíram para nossa revista, que em tempos de luta pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, representa não apenas uma vitória, mas um ato de resistência.

UERJ Resiste!

Mariana Lamego

Karina Arroyo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Bernardete Aparecida Caprioglio de. (2014) História de Negros, Memória de Mulheres: narrativas sobre o espaço urbano. *Espaço e Cultura*, n.36, p. 203-215.

COSTA, Benhur Pinós da (2010). Espaço Social, Cultura e Território: o processo de microterritorialização homoerótica. *Espaço e Cultura*, n.27, p.25-37.

NAME, Leonardo (2013) Existe amor na Baixada Fluminense: espaço (homo)afetividade e dois casais em Senhora do Destino. *Espaço e Cultura*, n.33, p.111-126.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs) (2005) *Geografia: temas sobre a cultura e espaço*. Coleção Geografia Cultural: Rio de Janeiro, EdUERJ.

SILVA, Joseli Maria (2010). Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: desafios às práticas investigativas. *Espaço e Cultura*, n.27, p.39-55.

TAMBKE, Erika. (2013) Mulheres Brasil 40º: os estereótipos das mulheres brasileiras em Londres. *Espaço e Cultura*, n.34, p.126-150.